

Arquivos do Invisível

Feiticeiro Jeremias

© 2025 – Diamantino Fernandes Trindade

Feiticeiro Jeremias

DO REINO DO CONGO À KIMBANDA

DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE
FLÁVIA MARCELINO - WESLEY MARTINES

Coleção: *Arquivos do Invisível*

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens
ISBN 978-65-5727-204-6
1ª Edição – 2026

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Trindade, Diamantino Fernandes.

Feiticeiro Jeremias: Do reino do Congo à
Kimbanda / Diamantino Fernandes Trindade,
Flávia Marcelino, Wesley Martines – Limeira, SP:
EDITORA DO CONHECIMENTO, 2026.

116 p.

ISBN: 978-65-5727-204-6

1. Umbanda - História 2. Quimbanda - História I.
Título II. Marcelino, Flávia III. Martines, Wesley

26-

CDD – 299

Índice para catálogo sistemático:

1. Umbanda – História

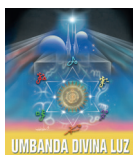
DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE
FLÁVIA MARCELINO
WESLEY MARTINES

Feiticeiro Jeremias

DO REINO DO CONGO À KIMBANDA

Coleção: *Arquivos do Invisível*

1ª edição – 2026



Coleção: Arquivos do Invisível

- *Levantando os Véus da Umbanda e da Kimbanda* – A trajetória de um sacerdote.
- *Dendara: a Sacerdotisa de Agarthá* – De Atlantis à Tampu Raua.
- *Feiticeiro Jeremias* – Do reino do Congo à Kimbanda
- *Gualdim: O Templário* – Dos celtas ao Candomblé.
- *Dyami* – Da Mongólia ao terreiro de Umbanda
- *O Mago Philippus* – De Alexandria ao terreiro de Umbanda.
- *Esmeralda* – Dos tupinambás ao terreiro de Umbanda.
- *Entre dois Mundos*
- *Kahurangi – O Guerreiro Maori* – Dos maias ao Onze de Setembro
- *Torquatus – O Guerreiro Lusitano* – Da Lusitânia a Fortaleza

Dedicatória

Dedicamos esta obra aos nossos queridos Feiticeiro Kongo, Feiticeira Kananda e Feiticeiro Zanziba.

Agradecimentos

Aos nossos queridos irmãos Evandro Fernandes, Tarsila Oliveira, Amanda Trindade Ruiz, Marcela Sorelli, Susi de Oliveira, Vinicius Pollarini e Anselmo Scuarcialupi, pelas importantes colaborações na elaboração deste livro.

À **EDITORA DO CONHECIMENTO** pelo valioso apoio dado na publicação desta obra.

Agradecimento especial

À Casa de Cultura Umbanda do Brasil pelo apoio e colaboração na produção desta obra.

A Casa de Cultura Umbanda do Brasil é uma entidade sem fins lucrativos. Possui um riquíssimo acervo com cerca de 3000 imagens históricas da Umbanda e dos Cultos Afroameríndio-Brasileiros, material histórico raro como livros, cordéis, jornais, revistas, discos de vinil, quadros, objetos ritualísticos, selos, editais postais, cartões postais, envelopes de primeiro dia de circulação, documentos etc. Promove diversos eventos no sentido de resgatar a memória da Grande e Sagrada Diversidade Religiosa Brasileira.

A Casa de Cultura Umbanda do Brasil conta com uma profissional especializada (Tatiana Giustino) em *Documentação de Acervo Museológico e Conservação Preventiva Para Acervos Museológicos*, qualificada pela Escola Nacional de Administração Pública.



Logo da Casa de Cultura Umbanda do Brasil

A Feiticeira

Não limite o poder de sua vida.
Coloque Deus, conscientemente, em tudo
o que faz, em todos os seus problemas.
E verificará que seus sofrimentos se
transformarão em experiência e aprendizado.

Torres Pastorino.



A Feiticeira
Arte de Georges Merle, 1833

Preto Velho

Há grande diferença entre um Preto Velho, que orienta e conforta pessoalmente os crentes desgovernados na vida profana, em comparação ao sacerdote ou pastor, que sobe ao púlpito para excomungar severamente os pecados dos homens.

Ramatís.



Feiticeiro Kongo
Arte de Rosa Teubl

Sumário

A Feiticeira.....	7
Preto Velho.....	8
Prefácio.....	11
Apresentação	13
Danjuma no Reino do Congo.....	16
Ruslan em Angola	23
A Princesa Abayomi	30
Luiz Fortes no Quilombo Serra Dourada.....	38
Tchindondgo na Bahia	47
Pai Francisco no Tambor de Mina.....	53
Jeremias na Bahia.....	61
O Poder dos Feiticeiros	68
O Feiticeiro na Kimbanda	71
O Monsenhor Afonso	88
A Ordem dos Cavaleiros de Cristo do Brasil	91
O Caminho de Santiago de Compostela.....	95
Jeremias no Terreiro de Vovó Catarina	100
Feiticeiros e Feiticeiras	102
Caminhante da Eternidade	104
Uma Pitada de Bom Humor.....	107
Referências.....	108
Sobre os Autores.....	110
Notas finais	113

Prefácio

Feiticeiro Kongo firma sua Zimba e protege
seus filhos!

Evandro Fernandes.

Prezados leitores e leitoras!

Esta obra não apenas resgata uma trajetória espiritual, mas também honra a memória coletiva dos que vieram antes – dos que resistiram, dos que guardaram saberes com o corpo, com o silêncio e com o *Mojo*!¹

Em tempos de retomada de identidades e reconexão com as raízes africanas, este livro torna-se um marco – um testemunho da força da tradição e do poder da fé afro-brasileira.

Que este prefácio não seja uma simples introdução, mas um convite à escuta atenta, ao aprendizado respeitoso e, principalmente, à vivência consciente de um legado que ainda pulsa e desperta a ancestralidade que habita em cada um de nós.

Ao folhear as páginas desta obra, os leitores e leitoras poderão adentrar em um universo onde espiritualidade, história e ancestralidade se entrelaçam com profundidade e reverência.

Feiticeiro Jeremias – Do Reino do Congo a Kimbanda é mais do que uma narrativa biográfica ou uma exposição doutrinária – é uma ponte entre tempos, mundos e saberes.

A figura do Feiticeiro Jeremias, tal como apresentada por Diamantino Fernandes Trindade, Flávia Marcelino e Wesley Martines, transcende a simplicidade de um personagem ou de uma Entidade de Culto. Ele representa uma ancestralidade viva, enraizada na tradição congo-angolana, mas que encontrou solo fértil

nas terras brasileiras por meio das práticas nas veredas sagradas da Kimbando e da Umbanda, revelando os fundamentos espirituais, históricos, simbólicos e mantendo viva a chama de um conhecimento muitas vezes marginalizado, mal compreendido e, ainda assim, profundamente necessário.

Feiticeiro Jeremias, aqui reverenciado com profundo respeito e seriedade, não é um mito distante, mas um elo vibrante entre mundos. Ele é aquele que carrega o sopro dos antigos, o guardião de um conhecimento forjado no fogo da resistência e no silêncio dos terreiros, que caminha ao lado dos que mantêm viva a chama do Mojo, do Axé, do Inkice, do Orixá, dos Caboclos, dos Pretos Velhos e dos Exus.

Recebam esta obra com o coração aberto, como quem recebe um ensinamento diante do Congá ou da sua *Nganga* pessoal. Que ela toque, oriente e fortaleça.

Saravá!

Axé!

Mojo!

Evandro César de Oliveira Fernandes.

*Yerárêse.*²

Apresentação

Não me venham com conclusões! A única conclusão é morrer.

Fernando Pessoa.

Prezados leitores e leitoras!

A história **ficcional** que aqui vamos contar teve início no ano 1520, no antigo Reino do Congo e continua se desenrolando até os dias de hoje no Brasil.

Esta livro é uma das obras da coleção **Arquivos do Invisível**, que tem como um de seus objetivos abordar o processo de evolução dos seres humanos por meio de sucessivas encarnações: *Levantando os Véus da Umbanda e da Kimbanda – A trajetória de um sacerdote; Baiana Esmeralda – Dos Tupinambás ao Terreiro de Umbanda; Feiticeiro Jeremias – Do Reino do Congo à Kimbanda; O Mago Philippus – De Alexandria ao Terreiro de Umbanda; Dendara: a Sacerdotisa de Agarthá – De Atlantis a Tampu Raua; Gualdim: O Templário – Dos Celtas ao Candomblé; Dyami – Da Mongólia ao Terreiro de Umbanda; Kaburangi – O Guerreiro Maori – Dos Maias ao Onze de Setembro e Entre Dois Mundos.*

Muito mais do que uma simples obra literária, este livro nos conduz por uma jornada fascinante através das vidas terrena e espiritual de seus personagens, atravessando a longa noite dos tempos. Ao mesmo tempo, revela um rico panorama histórico, cultural e religioso das antigas civilizações, “transportando” os leitores ao coração de povos que ajudaram a moldar a humanidade.

Por vezes somos questionados sobre como é possível uma entidade de luz de alta envergadura retornar

ao mundo das formas, através dos tempos, em uma condição de menor estatura social do que as anteriores, na visão do homem terreno.

A cada encarnação os seres espirituais têm necessidades diferentes de acordo com as suas necessidades cármicas, podendo nascer em um “berço de ouro,” em um local de extrema pobreza, em uma zona de conflito armado, em regiões glaciais, em regiões tórridas etc.

Outro questionamento diz respeito a como uma entidade de luz de alta envergadura e com um grande intelecto pode renascer com dificuldades cognitivas. Neste caso o intelecto é parcialmente inibido de modo que ele não use sua inteligência bem desenvolvida para repetir erros do passado, perder-se na vaidade terrena ou na arrogância, desviando-se do seu crescimento espiritual.

Tais entidades muitas vezes aceitam essa condição de encarnação para despertar nos seres humanos compaixão, desenvolver as habilidades do sentir, que muitas vezes podem ficar congeladas quando o pensar intelectual predomina.

Para melhor entendimento, vejamos um exemplo: imagine um médium que reencarna com uma habilidade mediúnica bem desenvolvida – com incorporação apurada, excelente dom da vidência espiritual, entre outras faculdades.

Será que ele traz consigo o preparo emocional e mental necessários para lidar com essas capacidades de forma equilibrada? Ou corre o risco de se perder pela vaidade, “metendo os pés pelas mãos”, tornando-se, por assim dizer, um verdadeiro “pavão”?

Deixamos estas questões aos leitores como convite à reflexão.

Esta obra foi construída, passo a passo, a seis mãos, com muito amor e alegria. Nasceu da inspiração espiritual de revelar ao coração humano a beleza e a sabedoria do processo evolutivo da alma. Em cada página, desvelamos os véus que encobrem o mistério da existência, trazendo à luz a grandiosa verdade de que a vida é contínua, e o espírito é eterno.

Desejamos que este livro possa ser útil no sentido de servir como ponto de reflexão para os corações sensíveis dos umbandistas, dos kimbandeiros, dos adeptos

dos cultos afroameríndio-brasileiros e todos os simpatizantes da Umbanda e da Kimbanda e aos leitores e leitoras em geral; e ainda que esta obra seja uma centelha de luz no caminho de todos aqueles que buscam compreender o propósito de suas vidas e reconhecer, nas lições do tempo, o sopro da eternidade.

Desejamos luz para todos os seres humanos!

Diamantino Fernandes Trindade (*Hanamatan Ramayane Shafirá*).

Flávia Marcelino (*Leyêmayá*).

Wesley Martines (*Yenemalê*).

Somos o que somos!

Servidores públicos do Astral.

O nosso saravá a todos!

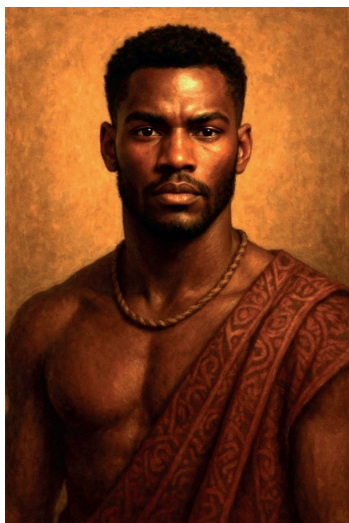
Danjuma no Reino do Congo

No mundo é necessário que aqueles que se entregam à prática da virtude se unam por uma santa amizade, para mutuamente se animarem e conservarem nesses santos exercícios.

São Francisco de Sales.

Nossa história tem início em 1520, no Reino do Congo, onde nasceu Danjuma,³ filho do guerreiro Ekumbi⁴ e de Natula,⁵ sacerdotisa bantu.

Eles viviam na aldeia Ngoyo e, desde cedo, Danjuma, que cresceu forte e belo, aprendeu a arte da guerra com seu pai, com quem adorava caçar. No entanto, a religião de sua mãe falou mais alto em sua alma.



Danjuma

Arte de Flávia Marcelino e Wesley Martines gerada por IA

Danjuma era filho único. Aos quinze anos de idade, já manejava com destreza as armas de caça.

Em uma dessas caçadas, sofreu uma queda e fraturou uma perna, algo que lhe impedia de exercer algumas tarefas. Durante quatro meses, ficou confinado na aldeia. Entristecido pelo ocorrido, decidiu se dedicar ao aprendizado das práticas religiosas que sua mãe lhe ensinava.

Navita,⁶ uma linda moça da aldeia, também aprendia as artes religiosas com Natula. Navita era muito determinada e inteligente, mas guardava muita maldade em seu coração. Enamorou-se por Danjuma, que contava com vinte anos de idade e correspondia ao amor da bela moça. Alertado pela sua mãe, que percebia, além da maldade, a manipulação que ela exercia sobre ele, Danjuma não percebia as más intenções de Navita, pois estava perdidamente apaixonado por ela.

Diante dessa divergência, seis meses depois, Danjuma teve um grande desencanto quando Navita o abandonou, dizendo que ele era fraco por não desafiar seus pais para ficar com ela.

O intuito de Navita, ao abandonar Danjuma, era pressioná-lo através da dor causada pelo amor incontestável que ele tinha por ela, provocando seus pais para que aceitassem o relacionamento, por medo do desespero de ver o filho em penúria profunda.

Navita começou a passar mal, sentindo enjoos, e logo descobriu que estava grávida. No entanto, ela não queria um bebê, pois não gostava de crianças, e acreditava que a gravidez iria macular seu corpo. Decidiu usar esse desejo negativo como trunfo para seus planos de fazer com que os pais de Danjuma a aceitassem. Depois disso, tomaria um o remédio abortivo, longe do olhar de todos, e encenaria um aborto natural.

Contudo, o enredo tomou outro rumo para todos.

Ekumbi e Natula, mesmo sabendo que Navita não tinha boa índole, ficaram enfurecidos com ela e foram tirar satisfações, inclusive com seus pais. Estes, por sua vez, argumentaram que esse era um amor fadado ao insucesso, pois eram dois jovens imaturos.

Durante a conversa, Navita disse que iria ter a criança, deixando todos desconcertados e preocupados com a situação apresentada.

Os pais de Danjuma e de Navita respeitavam muito a vida e conversaram, tomando uma decisão segundo

a qual fizeram planos para resolver aquela situação, de forma que os planos iniciais de Navita falharam.

Ficou decidido pelos pais de Navita que a moça ficaria com eles até o nascimento do bebê, porque tinham mais condições de cuidar dele e, depois do nascimento da criança, ela seria cuidada por Ekumbi e Natula, com Navita retornando ao lar de seus pais, já que tanto eles quanto os pais de Danjuma não desejavam essa união.

Essa decisão foi tomada porque tinham certeza de que ela abortaria a criança, se tivesse oportunidade, e Danjuma teria outro foco para se preocupar, diminuindo a dor pelo abandono de Navita.

Quando Navita foi comunicada sobre os planos dos seus pais e de Danjuma, ficou extremamente revoltada e com raiva por ver todo o seu planejamento cair por terra, tornando-se vítima de sua própria teia. Isso aumentou ainda mais sua raiva e sede de vingança. Transcendendo qualquer noção de consciência, ela decidiu se vingar por meio da criança.

Navita sabia que poderia afetar o feto em seu desenvolvimento, por meio de sua energia negativa, das emoções densas e da alimentação. E foi o que fez durante toda a gestação, esquecendo-se, em sua sede de vingança, de levar em conta as variáveis que poderiam ocorrer e prejudicar inclusive ela mesma.

Durante a gestação, Navita nutria pensamentos negativos e vingativos e fingia que se alimentava, mas em seguida vomitava tudo, propiciando a perda de nutrientes necessários ao desenvolvimento do feto e, com isso, prejudicando a gravidez e a si mesma. Nesse cenário, ela acabou possibilitando as condições para a encarnação de um àbíkú.

O que é um àbíkú?

Àbíkú – Síndrome periódica do nascimento e morte

Vamos entender este fenômeno espiritual.

A crença yoruba sobre a criança *àbíkú* descreve uma alma que pertence a uma comunidade espiritual no *Òrún*,⁷ e que fez o voto de nascer para morrer repetidamente, causando sofrimento aos pais. A ideia de que a família possui *débitos cármicos* não é o objetivo

principal, mas sim a necessidade de intervir para que a criança decida ficar no *Ayé*.⁸

A abordagem de um Babalawô é distinta dependendo se a morte de uma criança é causada por fatores naturais ou pelo fenômeno *Àbíkú*

Vários casos têm ocorrido no Brasil e pela falta de conhecimento ou de aplicação dos rituais e práticas tradicionais, muitas crianças têm desencarnado em virtude deste fenômeno espiritual.

A gravidez de Navita

O feto que crescia no útero de Navita se desenvolvia mediante um contexto doloroso, pois não tinha um desenvolvimento saudável devido à privação de alimentos, apresentando já uma má formação, além de seu espírito já sentir a mesma necessidade de sua genitora – a de não sobrevivência.

Após trinta e quatro semanas de gestação, no terceiro dia de Lua Minguante, Navita entrou em trabalho de parto e, após doze horas, começou a apresentar sinais de extrema fraqueza, de forma que não estava tendo forças para que pudesse dar à luz o bebê.

Quando examinaram Navita, Natula e a parteira verificaram que o bebê estava sentado, dificultando o parto, e que precisavam tomar uma rápida decisão para que a mãe e o bebê não falecessem. Elas tinham duas soluções e ambas extremamente difíceis. Uma era virar o bebê por dentro do ventre da mãe, ação na qual faria Navita sentir dores intensas, podendo com sua fraqueza não aguentar e vir a óbito durante o processo, colocando a vida do bebê também em risco. A outra opção era abrir o ventre da mãe e tirar o bebê com segurança, costurando seu ventre após o processo, de maneira que a mãe também poderia falecer.

Em meio aos gritos de Navita e sua dor presenciada por Natula e a parteira, as duas decidiram pela segunda opção, algo que hoje denominamos de cesariana.

Natula estava feliz pela possibilidade de ter um neto. No entanto, estava em estado de alerta, pois o bebê estava muito desnutrido.

Danjuma, apesar da dor imensa de poder perder Navita, teve um alento pelo possível nascimento de seu filho, entretanto, estava muito preocupado com o

bebê, pois Natula lhe explicou as precárias condições de saúde da criança.

Natula e a parteira, conseguiriam retirar o bebê do ventre de Navita, no entanto, ele estava muito debilitado, devido aos acontecimentos ocorridos, tanto na gravidez quanto durante o parto. Navita sucumbiu às dores e à fraqueza e faleceu.

O bebê ficou sob cuidados intensos, porém, após quarenta horas de nascimento veio a óbito.

Em 1540, durante uma singela cerimônia fúnebre, celebrada pela sacerdotisa Natula, o bebê recebeu o nome de Elavoko.⁹

Danjuma entrou em depressão profunda, já que não entendia a causa que havia provocado essa tragédia.

Os dias passavam “lentamente” para Danjuma. Para ele, a dor era insuportável, desejando inclusive a própria morte. Sentia-se solitário e com a vida sem sentido, não enxergando mais motivos para viver.

Danjuma passou quase um ano nesse desespero em sua própria dor, o que o isolava de tudo e de todos ao seu redor, levando-o a pensar em acabar com sua própria existência, mesmo sabendo que isso provocaria uma dor intensa e o desespero em seus pais, mas não aguentava mais aquela situação.

Em uma noite, Danjuma teve um sonho. Nele, foi levado por dois espíritos à presença de seu filho. Ao vê-lo, caiu de joelhos em prantos e dor. Elavoko se aproximou e disse que ele deveria superar aquela tristeza, voltando a trilhar o seu caminho, porque a vida deveria continuar.

Elavoko lhe explicou que sua missão, mediante as condições em que nasceu, foi realmente cumprida, e que não era para seu pai se culpar, pois se tratava apenas do destino de cada um.

O filho de Danjuma retornou ao plano espiritual, sendo recebido com alegria pelos seus amigos àbíkú.

Danjuma despertou com uma nova clareza da realidade. Conversou com Natula sobre o sonho, e ela lhe disse que era necessário compreender e aceitar, aos poucos, essa nova realidade.

Com o passar do tempo, Danjuma, com o apoio de seus pais, foi gradualmente retomando as suas atividades na aldeia Ngoyo, agora com mais consciência